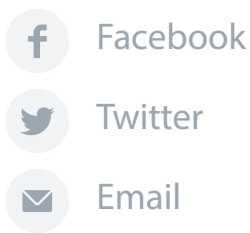


Vícios

DESIGN

POR GUTA MOURA GUEDES



Com a dedicação de uma das suas filhas, Inês Cottinelli, o Atelier Daciano da Costa tem nos últimos anos evoluído de forma consistente e inteligente, quer na manutenção dos arquivos e património de Daciano, na sua divulgação internacional e na reedição de obras, onde se inclui o livro agora publicado, “Design e Mal-estar”, numa versão que nos disponibiliza mais três textos que a inicial, que nesta edição vão de 1978 a 2004.



DESIGN E MAL -ESTAR



Daciano escreve não apenas sobre design mas acima de tudo sobre a condição humana e a nossa relação com o mundo

“Todas as obras são importantes e devem ser feitas tão bem quanto se sabe e pode.

Se algumas parecem mais importantes, isso deve-se certamente ao juízo dos outros e não ao do próprio, como em todas as outras actividades. Importante, importante é fazer bem o trabalho de cada dia. Se houver trabalho...”

É no final de uma entrevista dada em 1993 que Daciano da Costa, o nosso maior designer, dá esta resposta, uma das frases mais inspiradoras de um pequeno livro publicado em 1998 e que foi agora mesmo reeditado. Daciano, sobre quem já escrevi aqui, foi meu professor e publicou este livro no último ano em que fui sua aluna. Foi meu mentor e maior fonte de inspiração, abrindo-me inúmeras portas sobre a imensidão de uma disciplina, o design, que aprendi a amar mais dedicadamente ainda com ele. Lembro-me de não ter gostado do título do livro, que é também o título de um dos seus ensaios, escrito em 1992, e que faz parte também desta edição. Lendo-o entende-se que Daciano com mal-estar quer também dizer inquietação, desassossego, algo que temos como seguro quando operamos nas disciplinas criativas, fenómenos que as fazem mover. Mas Daciano escreve sobre um certo mal-estar que permeava nessa altura o design numa “sociedade em eufórica, mas forçada, modernização”, tentando demonstrar a origem e o porquê dos debates que assolavam a disciplina. E que continuam tão actuais.

A primeira edição do livro permitiu, num momento importante para o design nacional, entender melhor o valor de Daciano da Costa enquanto não só designer, mas também enquanto artista, pensador feroz, professor inigualável, homem que constantemente pensava o mundo e agia sobre o mundo, mas que pensava também Portugal e agia no seu país. Os textos compilados tocam em temas tão distintos como a educação, a criação, as empresas, os objectos, a relação arquitectura/arte/design, a memória, a ética e a moral, o design nacional, a cultura de projecto, as formas, as funções e a estética. São textos de um homem único, profundamente culto, vigoroso e irónico na defesa das suas ideias e perspectivas, ternurento e, simultaneamente, exigente nas suas amizades.

Discuti com ele alguns deles e agora, ao relê-los, encontro-lhes o mesmo significado, importância e rigor. Daciano escreve não apenas sobre design mas acima de tudo sobre a condição humana e a nossa relação com o mundo. E sobre a utilidade do design, claro.

“A resolução dos problemas do ambiente humano implica sempre uma componente moral. É isso que distingue o design das outras actividades artísticas.”

Daciano dixit.

Guta Moura Guedes escreve de acordo com a antiga ortografia



Daciano da Costa nasceu em 1930 em Lisboa e frequentou a Escola de Artes Decorativas de António Arroio e a Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, tendo dirigido a primeira licenciatura em Arquitectura de Design. A sua obra é exuberante, quer na escala, quer na forma, quer nas interações e revoluções que provocou. Aqui dois exemplos, um a Biblioteca Nacional em Lisboa, em 1965, e outro a cadeira “Tripeça”, de 1972 e reeditada em 2020.